



# Como Freud não conseguiu elaborar seu medo das datas fatídicas em sua autoanálise com Jung

*Gilbert Diatkine\*, Paris*

*O ambiente cultural compartilhado pelo paciente e pelo analista pode desempenhar um papel facilitador no trabalho de transformação das moções pulsionais do id em representações de coisas inconscientes no paciente. A elaboração da crença de Freud em certas datas maléficas foi malsucedida em sua autoanálise com Jung por razões, entre outras, ligadas à contratransferência cultural deste. Teve sucesso, ao contrário, na autoanálise de Freud com Romain Rolland graças ao clima de conversa psicanalítica que se estabeleceu entre eles.*

*Descritores: Cultura. Contratransferência cultural. Conversa psicanalítica. Datas fatídicas. Espaço transubjetal.*

---

\* Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.



A correspondência de Freud com Jung contém um fragmento da autoanálise de Freud. Por certo, esse material é complicado pelo fato de que Freud e Jung iniciaram, juntos, uma verdadeira análise mútua<sup>1</sup>. Apesar disso, parece-me possível seguir, nessas cartas, alguns movimentos transferenciais de Freud para Jung e certas respostas contratransferenciais deste. Eu me concentrarei em um sintoma específico de Freud, o medo das datas maléficas, que a culpa edípica de Jung o impediu de elaborar. Eu gostaria de mostrar que Jung poderia ter superado essa culpa se pudesse ter-se interessado mais pelo contexto cultural que compartilhava com Freud.

### Freud e as datas fatídicas

De acordo com Max Schur, Freud “preocupou-se durante toda a sua vida com certas datas nas quais pensava que ia morrer” (Schur, 1972, p. 271). Num trecho – suprimido na edição de 1907 – do último capítulo de *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, intitulado *Determinismo e superstição*, Freud analisa o número 2467 como significando que ele devesse morrer em 1907, aos cinquenta e um anos de idade (p. 276). Max Schur mostrou claramente como essa obsessão pelas datas era uma seqüela da autoanálise de Freud com Fliess (Schur, 1972). É provável que Freud tenha se identificado com seu “analista”, tomando para si a crença deste de que os ciclos e as datas determinam o destino dos homens. O termo *incorporação*, no sentido específico entendido por Abraham e Torok (1978), conviria, sem dúvida, neste caso, pois, como observa Schur, esse medo era “nele um conflito encapsulado, alheio ao eu” (Schur, 1972, p. 278), aspecto este que também foi destacado por Henri e Madeleine Vermorel (1993).

### A autoanálise de Freud com Jung

Pouco tempo depois de ter recebido a primeira carta de Jung, Freud lhe confessa a “grande simpatia” que ele lhe inspira, logo depois de lhe ter explicado o mecanismo da transferência e da cura em psicanálise (*É, na verdade, uma cura pelo amor*) (Freud; Jung, 1906-1909, p. 52). Rapidamente, a correspondência

---

<sup>1</sup> Como tentei estudar em *Une analyse mutuelle par correspondance* (2009), Freud e Jung praticaram ao mesmo tempo a análise por correspondência e a análise mútua. O fracasso final dessa tentativa levou a posteridade a desaconselhá-las.



com Jung torna-se, para Freud, uma verdadeira necessidade. Ele não esconde de Jung o fato de tê-lo escolhido como novo objeto de transferência para sua autoanálise: “Desculpe-me a longa carta; foi somente ao escrevê-la que alcancei minha autoconsciência” (p. 337).

A troca de cartas se mantém regular de dezembro de 1906 a março de 1910, sendo completada por encontros reais duas vezes por ano. A transferência idealizadora de Freud é acompanhada por uma fantasia depressiva: com cinquenta anos de idade naquele momento, Freud pensa que morrerá logo e que Jung está bem situado para ser seu herdeiro. Depois do primeiro encontro em Viena, em 03 de março de 1907, Freud escreve a Jung:

Sua viagem foi uma ação muito amável e digna de gratidão. Eu gostaria de reiterar-lhe por escrito várias coisas que lhe confessei verbalmente, principalmente que sua pessoa me encheu de confiança para o futuro, sei agora que sou substituível como qualquer outra pessoa e que não desejo ter outro nem melhor sucessor que você para terminar meu trabalho, desde que o conheci (Freud; Jung, 1906-1909, p. 73).

Para lhe encaminhar um paciente, Freud se expressa nos seguintes termos: “Devo mais uma vez cumprimentá-lo como meu sucessor em outra circunstância” (p. 80). Freud tem plena consciência do enorme peso que está assim transferindo para Jung: “Não se sinta tão oprimido pelo fardo de ser meu substituto” (p. 91). Mas persiste em sua certeza de que vai morrer e que Jung deve suceder-lhe:

E, no entanto, fique tranquilo, tudo sucederá. Você viverá esses momentos, mesmo que eu não os viva [...]. No obituário que, um dia, você escreverá sobre mim, não se esqueça de testemunhar que toda essa contradição não me perturbou (p. 104).

Durante a preparação do I Congresso Internacional de Psicanálise, que se realiza em Salzburg em 27 de abril de 1908, Freud insiste muito para dar a presidência do Congresso a Jung ou, pelo menos, a Bleuler. Ambos recusam (Freud; Jung, 1906-1909). A comparação é inevitável: “Estamos, portanto, avançando indubitavelmente, e você será aquele que, como Josué, se sou Moisés, tomará o rumo da terra prometida da psicanálise, que consigo entrever apenas à distância” (p. 271). No II Congresso, realizado em Nuremberg em 1910, em que Freud fala das *Chances de futuro da psicanálise*, ele comenta: “um belo quiasma, pois você representa o futuro e eu, o passado” (p. 22).



A antecipação que Freud fez de sua morte próxima e seu projeto de fazer de Jung seu sucessor despertam o sentimento de culpa neste, que não tem vontade alguma de ouvir Freud falar disso. O sentimento de culpa de Jung é certamente reduplicado pelos seus esforços de falar com Freud de maneira alusiva sobre sua ligação com Sabina Spilrein, alusões a que Freud permanece totalmente surdo. Essa culpa impede Jung de se interessar pela origem da certeza de Freud de que vai morrer entre sessenta e um e sessenta e dois anos (Freud; Jung, 1906-1909). Essa certeza provém da crença de Freud nas datas fatídicas, que foram conservadas de sua relação com Fliess. No entanto, quando Freud mostra a Jung que certos aspectos de sua relação, como atrasos nas respostas deste, repetem o que aconteceu com Fliess, Jung recusa esse presente transferencial importuno:

A evocação de sua relação com Fliess, que certamente não é fortuita, obriga-me a rogar-lhe para não estimar nossa amizade como uma amizade entre pares, mas como aquela entre pai e filho”. Ou então: “Você pode ficar absolutamente tranquilo, não somente hoje, mas futuramente, não acontecerá nada semelhante à relação com Fliess (p. 288).

Jung não dispunha de meios para elaborar diretamente sua culpa em relação a Freud, mas poderia tê-la abordado de maneira indireta se tivesse se interessado pelas circunstâncias do rompimento de Freud com Fliess.

## A paranoia de Fliess

Numa carta de 17 de fevereiro de 1908, depois de pouco mais de um ano de correspondência, para explicar a Jung sua teoria do papel da homossexualidade na paranoia, Freud cita o exemplo da *bela paranóia* que Fliess desenvolveu *depois de ter-se desvencilhado de sua inclinação por [ele], que certamente não era insignificante*. Na condição de “analista” de Freud, Jung não parece muito interessado nesse assunto. Ele pode simplesmente não saber ao que Freud se refere. Talvez este lhe tenha contado por ocasião do encontro dos dois homens em Viena, no dia 03 de março de 1907 (Freud; Jung, 1906-1909, p. 73). Talvez ainda Jung tenha ouvido algum eco em Zurique do escândalo que acompanhou o rompimento de Freud com Fliess e que aconteceu logo antes do encontro de Jung com Freud. Em 1906, num livro que continha parte de sua correspondência com Freud, Fliess o acusou de lhe ter roubado a paternidade da ideia de bissexualidade e de tê-la revelado a seus alunos Swoboda e Otto Weininger. Na verdade, em seu livro *Sexo*



Como Freud não conseguiu elaborar seu medo das datas fatídicas em sua autoanálise com Jung

*e caráter*, que foi publicado em 1903 e alcançou um grande sucesso, Weininger desenvolveu o conceito de bissexualidade. Freud replicou na revista de Karl Kraus, *Die Fackel*, e Swoboda processou Fliess. Como lembram Henri e Madeleine Vermorel, esse conflito iniciou quando Fliess escreveu a Freud em 20 de julho de 1904 para lhe perguntar se este fora a fonte das informações sobre a bissexualidade contidas em *Sexo e caráter*. Passadas algumas semanas, Freud e seu irmão Alexandre tomam o navio para Atenas, onde Freud, na Acrópole, sofrerá seu distúrbio de memória (Vermorel; Vermorel, 1993, p. 422).

Possivelmente, se Jung tivesse demonstrado algum interesse por esse assunto, Freud poderia lhe ter dito mais a respeito e ter elaborado com o primeiro os restos transferenciais deixados nele pela sua autoanálise com Fliess. Poderia ter se livrado assim da certeza angustiante de que, aos cinquenta anos de idade, o fim de sua vida estava próximo e de que deveria de qualquer modo ceder seu lugar e legar o rumo da psicanálise a Jung. À culpa bem compreensível que impedia Jung de assumir o papel que Freud lhe atribuía na transferência, somou-se, talvez, uma “contratransferência cultural” (Nathan, 2001; Moro, 1994): a recusa de interessar-se por boatos relativos ao meio intelectual vienense e, em maior medida, pelo mundo cultural germânico que cercava tanto Jung quanto Freud.

## Ocultismo e judeidade

Freud faz uma derradeira tentativa de elaborar com Jung a obsessão pelas datas fatídicas, quando um novo aspecto da relação de Freud com Fliess se repete. Como este, Jung procura inculcar em Freud crenças irracionais. Em novembro de 1907, conta-lhe que suas pesquisas sobre o ocultismo fizeram com que ele fosse admitido na Sociedade Americana para a Pesquisa Psíquica, fundada por William James (Freud; Jung, 1906-1909, p. 151). Em março de 1909, num segundo encontro em Viena, Jung se lança em experiências de espiritismo com Freud. Ele mesmo relaciona sua crença no ocultismo com as estranhas ideias de Fliess: “Parece que minha espiritisteria, apesar de tudo, o irritou e talvez o tenha incomodado por causa da analogia com Fliess” (p. 293).

Jung defende as “tendências prospectivas dos homens”, que, segundo ele, podem explicar o ocultismo (p. 293). Freud desmonta racionalmente as provas apresentadas a favor da existência dos espíritos brincalhões (*poltergeist*) que Jung lhe demonstrou: “Meu temor é cair agora no papel de pai perante você se eu falar da minha relação com os poltergeist [...] Não nego que suas palavras e sua experiência me causaram uma forte impressão” (p. 295).



Freud volta então à sua convicção de que morrerá entre sessenta e um e sessenta e dois anos. Ele associa com sua viagem à Grécia acompanhado do irmão, no final de agosto de 1904, onde

[...] foi realmente inquietante ver o número 61 ou 60, combinado com 1 ou 2, repetir-se em todas as denominações de todos os objetos numerados, principalmente nos meios de transporte, que eu anotei conscienciosamente [...]. Como também tenho, em meu sistema, regiões onde fico ávido por saber e nada supersticioso, tentei então analisar essa convicção, como aqui está. Ela começou em 1899. Primeiramente, escrevi A interpretação de sonhos (que foi publicada pré-datada com a menção 1900) e, em segundo lugar, recebi um novo número de telefone que tenho ainda hoje: 14362. É fácil determinar o que é comum a esses dois fatos. Em 1899, quando escrevi A interpretação de sonhos, eu tinha 43 anos. Era então muito fácil pensar que os dois outros Algarismos deviam significar o fim da minha vida, aos 61 ou 62 anos. De repente, entra o método no absurdo. A superstição de que morrerei entre 61 e 62 anos parece equivalente à convicção de que, com A interpretação de sonhos, concluí a obra da minha vida, não preciso mais fazer nada, logo, posso morrer tranquilamente. Você há de convir que, depois dessa substituição, isso não parece tão desprovido de sentido. Aliás, existe aí uma influência secreta de W. Fliess, pois foi também no ano de seu ataque que essa superstição cresceu. Você verá novamente confirmada a natureza especificamente judaica de minha mística (Freud; Jung, 1906-1909, p. 296-297).

Esta última frase faz provavelmente alusão ao lado talmúdico desses jogos com os números. Se Jung tivesse manifestado interesse pela cultura judaica, Freud poderia ter feito, talvez, o trabalho autoanalítico a respeito dessa viagem, que será realizado somente bem mais tarde, em *O distúrbio de memória na Acrópole*. No entanto, Jung fica tão incomodado com a judeidade de Freud quanto com a paranoia de Fliess, e sua não resposta dissuade Freud de falar mais sobre o assunto. Na verdade, no mesmo momento, o antissemitismo latente de Jung ressurgiu nas explicações que tenta dar a Freud acerca de sua ligação negada com Sabina Spielrein. Quando ela se dirigiu diretamente a Freud para contar sua ligação com Jung, ele logo se justificou: Sabina Spielrein vingava-se dele porque ele resistiu à sua sedução. Ao mesmo tempo, ele escreve com a maior clareza possível que atuou na relação com sua paciente sua transferência erótica para Freud – como judeu:



Como Freud não conseguiu elaborar seu medo das datas fatídicas em sua autoanálise com Jung

Como já mencionei uma vez, minha primeira visita a Viena foi marcada por um longuíssimo episódio inconsciente. Primeiro, essa paixão compulsiva em Abbazia; depois, a judia reapareceu sob outra forma, na figura da minha paciente. Agora, naturalmente, toda a magia está clara para mim (Freud; Jung, 1906-1909, p. 306).

Se houve um *acting out*, Freud não pôde analisá-lo. Porém compreende-se que Jung, por sua vez, não tenha podido manifestar interesse pelos cálculos talmúdicos de Freud a respeito das datas e dos números em sua viagem a Atenas.

### O distúrbio de memória na Acrópole

Freud veio a precisar de um terceiro analista involuntário, Romain Rolland, para elaborar, em *Um distúrbio de memória na Acrópole* (Freud, 1936), o fragmento de neorrealidade que as respectivas loucuras de suas primeiras análises deixaram em seu inconsciente. Encontram-se grandes diferenças entre as lembranças da viagem a Atenas de 1904 que Freud conta a Romain Rolland, por ocasião de seu septuagésimo aniversário em 1936, e aquelas contidas na carta enviada a Jung em 16 de abril de 1909. O sentimento de estranheza não diz mais respeito à magia dos números, mas à realidade da percepção que Freud teve de Atenas do alto da Acrópole. Freud descreve a clivagem funcional do eu (Bayle, 1988) que ele sofreu (Freud, 1936).

Todavia, a questão das datas e dos ritmos da vida é introduzida já no início do texto. Freud percebe, de fato, “por uma coincidência que o toca só no momento” (Freud, 1936, p. 222) em que escreve a Romain Rolland, que sua diferença de idade – dez anos mais – em relação ao irmão que o acompanhou a Atenas é a mesma com Romain Rolland, cujo aniversário de setenta anos é comemorado nessa narrativa. Romain Rolland acompanha Freud em pensamento nessa viagem a Atenas, mas este pode dirigir-se ao primeiro como a um interlocutor a quem pode dizer tudo ou quase tudo. Ao contrário, Freud *não perguntou ao irmão mais novo se este estava sentindo algo parecido*. “Certo pudor estava ligado a toda essa aventura, nos tendo impedido, já em Trieste, de comentarmos nossos sentimentos” (p. 225).

Freud se interroga, primeiramente, sobre o mau humor que sentiu em Trieste, quando lhe propuseram ir passar três dias em Atenas em vez de uma semana em Corfu, como havia sido previsto, mau humor este que se dissipou no mesmo instante em que tomaram seus bilhetes (Freud, 1936). O mau humor em Trieste



explica-se como a incredulidade diante de Atenas: era belo demais para ser verdade. Freud interpreta sua recusa da realidade da existência de Atenas como um castigo por sua culpa edípica. Com a ida a Atenas, ele expressou seu “descontentamento contra sua família”, como sempre fazia ao viajar, mas, ao mesmo tempo, também foi muito mais longe que seu pai, que nunca tinha ido além dos limites de Viena (Freud, 1936).

Todavia, pensando nas circunstâncias dessa partida rápida, logo depois de Fliess tê-lo acusado publicamente de plágio e ter publicado sua correspondência com ele, pode-se dizer que o ceticismo talvez esteja relacionado com essa traição inacreditável. Isso explicaria por que razão, entre os mecanismos de defesa do eu listados por Freud a Romain Rolland (Freud, 1936, p. 227), foi utilizada a recusa da realidade, associada à clivagem do eu, e não o recalque. Freud não tinha de recalcar uma fantasia de parricídio, e, sim, enfrentar a realidade de uma figura paterna que havia procurado destruí-lo. E, por detrás dessa figura paterna assassina, como mostraram Madeline e Henri Vermorel (1993), delineia-se possivelmente uma imago materna.

Qualquer que seja nosso modo de compreendê-la, a elaboração autoanalítica que Freud realiza em *Um distúrbio de memória na Acrópole*, em 1936, o liberta de sua obsessão pelas datas fatídicas. De fato, Freud escreve a Arnold Zweig em 02 de abril de 1937: “Minhas pretensões hereditárias, como você já sabe, tem seu prazo final em novembro”. Max Schur comenta: “Essa última frase prova novamente que não é mais a antiga superstição que está em ação [...]” (Schur, 1972, p. 577). Ainda em 1936, Freud contou a vários correspondentes (a Arnold Zweig em 17 de junho e em 17 de julho de 1936; a Marie Bonaparte em 1º de dezembro e em 06 de dezembro) seu medo de chegar aos oitenta e um anos e meio, a mesma idade da morte de seu pai e de Emmanuel, seu irmão mais velho. Foi uma das razões pelas quais manifestou sua oposição à comemoração de seus oitenta anos, organizada por Jones. Max Schur conclui que *essas datas-limites deixaram de ser, para Freud, uma superstição obsessiva ou a expressão de um conflito parcialmente inconsciente* (Schur, 1972).

## Uma “conversa” psicanalítica

Se considerarmos a observação de Schur, precisamos entender por que aquilo que foi impossível na autoanálise de Freud com Jung pôde realizar-se na autoanálise com Rolland. É necessário destacar, em primeiro lugar, a qualidade da pré-transferência de Freud para Rolland. Freud sabe que este, ao contrário de



Jung, se pôs muito acima de qualquer forma de racismo. O papel que Rolland desempenhou na luta contra a guerra de 1914 e sua abertura para culturas não europeias provam sua imensa capacidade de acolher o estrangeiro. O problema judeu, que nunca pôde ser discutido com Jung, é abordado por Freud já de início, antes mesmo do encontro com Romain Rolland, em 04 de março de 1923. Para apresentar-se, Freud lhe escreve: “Pertença, na verdade, a uma raça que, na Idade Média, foi tida como responsável [...] e, hoje, é acusada da decadência do Império na Áustria e da perda da guerra na Alemanha” (Freud, 1873-1939, p. 373). O primeiro encontro entre Freud e Rolland aconteceu pouco depois, em 14 de maio de 1924, por intermédio de Stefan Zweig (Fischer, 1976; Vermorel; Vermorel, 1993). Embora os dois homens não tenham concordado sobre quase nada, a conversa entre eles durou várias horas, os marcou a ambos e continuou por escrito durante muitos anos.

Respondendo a Freud pelo envio de *O futuro de uma ilusão* (Fischer, 1976, p. 129), Romain Rolland lhe escreve a carta de 05 de dezembro de 1927, em que fala do sentimento oceânico (Fischer, 1976). Freud lhe pede autorização para publicá-la. Rolland lhe dá sua permissão, mas mantém sua posição. Os místicos indianos que ele está estudando confirmam sua ideia da universalidade do sentimento oceânico. Freud responde: “A mística me é tão fechada quanto a música [...] e, no entanto, é mais fácil para vocês do que para nós ler a alma humana” (p. 132). O debate com Romain Rolland dá origem ao *Mal-estar na civilização*. Rolland defende o sentimento oceânico em seu *Essai sur le mysticisme et l'action dans l'Inde vivante*, publicado em 1929 (Fischer, 1976). Em resposta, Freud lhe agradece, mas mantém sua desconfiança em relação à intuição:

Pensamos que ela não pode nos mostrar nada além das moções (regungen) e das atitudes primitivas próximas da pulsão, muito preciosas para uma embriologia da alma se forem bem compreendidas, mas inúteis para nos orientar no mundo externo que nos é estranho (p. 139).

Mas a tolerância de Freud em relação às ideias de seu amigo permanece inabalada: “Mais uma palavra: não sou cético. Tenho plena certeza de uma coisa, do fato de que existem definitivamente certos fatos que não podemos conhecer nos dias de hoje” (p. 139).

O diálogo entre Rolland e Freud sobre a mística tem o tom de uma conversa e não de uma polêmica. Um se interessa pelo ponto de vista do outro, justamente porque discordam. Mas esse clima amistoso em que todos os temas podem ser abordados sem temor de um rompimento talvez tenha fornecido a Freud o contexto



relacional de que necessitava para dialogar com seus objetos internos e elaborá-los, de certa forma, como René Roussillon descreveu o face a face psicanalítico (Roussillon, 2005).

## A autoanálise de Freud com Romain Rolland

No âmbito dessa “conversa psicanalítica”, o estudo de Fischer (1976) e o de Madeleine e Henri Vermorel mostram como Freud fez uso da interpretação de sua transferência com Romain Rolland para analisar os restos de seus encontros analíticos anteriores, embora a correspondência entre os dois não tenha sido tão regular quanto as que manteve com Fliess e com Jung. Fischer encontrou indícios da elaboração por Freud da questão das datas fatídicas já em 1926, em sua relação com Romain Rolland. Freud participa, com a carta aberta de 29 de janeiro de 1926, do livro coletivo comemorativo do aniversário de sessenta anos de Romain Rolland e assina “Sigmund Freud, *aetat 70*”, assinalando assim a coincidência de idade (Fischer, 1976, p. 125).

Em resposta aos cumprimentos que Romain Rolland lhe envia por ocasião do 75º aniversário de Freud, este lhe escreve em 03 de maio de 1931:

[...] mas posso confessar que quase nunca senti essa misteriosa atração de um ser por outro como sinto com você, ligada talvez, de alguma forma, ao conhecimento de todas as nossas diferenças (Vermorel; Vermorel, 1993, p. 351).

Madeleine e Henri Vermorel consideram esse movimento de transferência como uma transferência homossexual primária, portanto, materna. Os autores o relacionam com “uma espécie de desamparo que deve ser associado à morte de Amalia, falecida aos 95 anos, em 12 de setembro de 1930” (Vermorel; Vermorel, 1993, p. 351-352). Lembram que Freud tivera um primeiro “distúrbio de memória” sobre a paternidade da bissexualidade em 1900, durante um encontro com Fliess em Breslau. Freud esqueceu que Fliess lhe havia falado a respeito em 1897 e pensou ter descoberto a bissexualidade. Reconheceu, em seguida, a paternidade dessa ideia de Fliess, sem ter certeza absoluta, até que a lembrança se aclarou. Foi também na estação de trem de Breslau que Freud, quando criança, viu sua mãe nua no vagão-leito. Para o casal Vermorel, “o recrudescimento das superstições das datas da morte” traduz um perigo de intrusão por uma imago materna (476), como diz Freud em *Das Unheimlich*: “O sentimento de estranheza não está apenas



ligado à visão da genitália materna, mas bem mais à fantasia de para lá retornar” (p. 477).

Os autores também assinalam que Freud teve pela primeira vez um desmaio quando visitou Fliess, que estava doente, em 1894. Um segundo mal-estar aconteceu dentro de uma sala de cirurgia quando o cirurgião retirou do nariz de Emma Eckstein cinquenta centímetros de gaze esquecidos por Fliess. Freud deve ter fechado os olhos para preservar sua idealização de seu “analista”, como no sonho “Pede-se fechar os olhos”, relatado no capítulo VI de *A interpretação de sonhos* (Freud; Jung, 1906-1909, p. 362). Um terceiro mal-estar aconteceu quando Freud, Jung e Ferenczi viajaram juntos para a América, em setembro de 1909. Durante a travessia, eles analisaram mutuamente seus sonhos. Por causa de sua transferência idealizadora sobre Jung, Freud ficou cego às confissões transparentes daquele com quem fez sua autoanálise sobre a ligação com Sabina Spierlein. As perdas dos sentidos de Freud durante a viagem à América com Jung e Ferenczi podem estar relacionadas com essa necessidade de fechar os olhos – ou ao menos um olho – para a má conduta de Jung. Jones interpreta esses mal-estares como um exemplo de fracasso ante o sucesso (Jones, 1955, p. 155). Henri e Madeleine Vermorel, seguindo uma hipótese de Green (1980), dão ênfase à perda da relação com uma figura materna, reproduzindo o provável desamparo que Freud teria vivenciado em seu segundo ano, quando sua mãe deve ter feito o luto de Julius, o filho caçula (Vermorel; Vermorel, 1993).

As datas fatídicas de Freud são neorealidades não elaboradas provenientes de suas autoanálises com Fliess e com Jung e, se considerarmos do ponto de vista do casal Vermorel, elas são derivadas dos primeiros traumas precoces sofridos por Freud (morte de Julius e depressão de Amália). Sua elaboração foi possível com Romain Rolland por pelo menos duas razões. Por um lado, porque este não fez sua autoanálise com Freud. Depois do primeiro encontro dos dois homens, Rolland decidiu fazer uma autoanálise, mas a fez através da música, “sozinho, sem guia, movido pelo demônio da música – meu mestre e eu mesmo” (Rolland, 1959, p. 125). Diferentemente de Jung, ele não importunou Freud com seus problemas pessoais.

Por outro lado, Freud encontrou em Rolland um “analista” involuntário, sem preconceitos e disposto a se interessar por todos os aspectos da cultura que tinham em comum. Esse meio cultural em que vivem o paciente e o analista e que Janine Puget e Isidoro Berenstein (2008) denominam *espaço transubjetal* tem um importante papel em qualquer tratamento. Nenhuma análise seria possível se o analista e o paciente não pertencessem, ainda que parcialmente, a uma cultura comum. Embora o que o paciente entenda por *psicanálise* seja às vezes muito



diferente do que a palavra significa para seu analista, é necessário que os dois tenham ouvido falar da psicanálise para que um tratamento comece. Além disso, mesmo que este se dê numa língua que não é nem a do paciente nem a do analista, os dois protagonistas devem compartilhar um domínio linguístico para que o processo analítico se desenrole.

Em geral, o analista e o paciente têm em comum uma parte bem mais ampla da cultura. Vivenciaram a mesma história, presenciam os mesmos acontecimentos políticos e ecológicos, tomam conhecimento dos mesmos boatos, ouvem falar dos mesmos filmes e dos mesmos livros. Em muitos tratamentos analíticos, essa comunidade cultural desempenha o papel de um espaço transicional que facilita a transformação das moções pulsionais do id do paciente em representações inconscientes através da atividade pré-consciente do analista. Por exemplo, se um paciente faz com que seu analista sinta emoções brutas que este não consegue transformar em representações, essas emoções podem evocar para o analista a lembrança de um mito ou de um conto, que pode ser utilizada por ele para propor ao paciente uma interpretação. O próprio paciente também pode fazer alusão a um dado histórico ou social, imaginando que o analista compreenda logo do que ele está falando.

Às vezes, o paciente completa suas alusões por outras para ter certeza de que o analista percebe o que ele quer dizer ou, ao contrário, para assegurar-se de que o analista não tem a menor ideia do que ele fala, protegendo-se assim da onisciência que lhe atribui. Dependendo se houver reação ou não do analista, o paciente adquire o conhecimento inconsciente de que uma parte de seu mundo sociocultural é compartilhada pelo primeiro. As alusões ao ambiente compartilhado desempenham em qualquer tratamento analítico um papel que pode ser comparado ao do face a face, que permite ao paciente verificar constantemente no olhar do analista se suas palavras despertam uma representação em sua mente ou se, ao contrário, não evocam nada para ele.

No entanto, o fato de pertencerem a uma mesma comunidade pode favorecer, contrariamente, as resistências do paciente à análise e a resistência do analista para escutar seu paciente. Por exemplo, se o analista se deixar levar por associações relacionadas com o filme ou os fatos políticos sobre os quais o paciente está falando, ele atua seu desejo inconsciente de ir ao cinema com esse paciente ou de ser seu mentor ou seu guru. Inversamente, recusando-se com rigidez a se interessar pela cultura que compartilha com o paciente, o analista pode atuar uma posição contratransferencial que pode fazer com que perca a oportunidade de uma interpretação, como pode ter acontecido no caso de Jung com Freud. □



## Abstract

### **On Freud's inability to elaborate on his fear of fateful dates in his self-analysis with Jung**

The cultural environment shared by patient and analyst can have a facilitating role in transforming the id's motion drives into the patient's unconscious representations of the things. Freud's elaboration of his belief that certain dates were evil or unlucky was unsuccessful in his self-analysis with Jung due to several reasons, including the latter's cultural countertransference. However, it succeeded in Freud's self-analysis with Romain Rolland, due to the atmosphere of psychoanalytic conversation established between them.

Keywords: Culture. Cultural countertransference. Psychoanalytic conversation. Fateful dates. Transsubjective space.

## Resumen

### **Como Freud no logró elaborar su miedo a las fechas fatídicas en su autoanálisis con Jung**

El ambiente cultural compartido por el paciente y por el analista puede desempeñar un papel facilitador en el trabajo de transformación de las mociones pulsionales del ello en representaciones de cosas inconscientes en el paciente. La elaboración de la creencia de Freud en determinadas fechas maléficas fue malograda en su autoanálisis con Jung por razones, entre otras, ligadas a la contratransferencia cultural de este. Sin embargo, tuvo éxito en el autoanálisis de Freud con Romain Rolland gracias al clima de conversación psicoanalítica que se estableció entre ellos.

Palabras llave: Cultura. Contratransferencia cultural. Conversación psicoanalítica. Fechas fatídicas. Espacio transubjetal.

## Referências

ABRAHAM, N.; TOROK, M. (1978). *Maladie du deuil et fantasma du cadavre exquis*. In: *L'écorce et le noyau*. Paris: Aubier-Flammarion. p. 229-251.

BAYLE, G. (1988). Traumatismes et clivages fonctionnels. *Rev. Franç. Psychanal.*, v. 6, p. 1339-1356.

\_\_\_\_\_. (1996). Le clivage et les défaillances de la fonction synthétique du Moi. Rapport au 56



Gilbert Diatkine

---

Congrès des Psychanalystes de Langue Française des pays romans. *Rev. Franç. Psychanal.*, v. 5, p. 1315-1550.

BERENSTEIN, I.; PUGET, J. (2008). *Psychanalyse du lien dans différents dispositifs thérapeutiques*. Paris: Érès Ramonville St. Agne, 2008.

DIATKINE, G. (2009). Une analyse mutuelle par correspondance. In: *Libres cahiers pour la psychanalyse*. v. 19. Paris: Printemps. p. 71-86.

FISCHER, D. J. (1976). Sigmund Freud et Romain Rolland: l'animal terrestre et son grand ami océanique. *Topique*, n. 18, p. 117-155, 1977.

FREUD, S. (1899-1900). L'interprétation du rêve. In: *Euvres complètes*, v. 4, Paris: PUF, 2003.

\_\_\_\_\_. (1873-1939). Correspondance. In: *Lettres choisies et présentées par Ernst Freud*. Paris: Gallimard, 1966.

\_\_\_\_\_. (1936). Un trouble de mémoire sur l'Acropole. In: *Résultats, idées problèmes*. Paris: PUF, 1985.

FREUD, S.; JUNG, C. J. (1906-1909). *Correspondance I*. Paris: Gallimard, 1975.

FREUD, S.; JUNG, C. J. (1910-1914). *Correspondance II*. Paris: Gallimard, 1975.

GREEN, A. (1980). La mere morte. In: *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Minuit, 1983. p. 222-253.

JONES, E. (1955). La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud. In: *Les années de maturité (1901-1919)*. Paris: PUF, 1961.

MORO, M.-R. (1994). *Parents en exil: psychopathologie et migrations*. Paris: PUF.

NATHAN, T. (2001). *La folie des autres: traité d'ethno-psychiatrie clinique*. Paris: Dunod.

ROLLAND, R. (1959). *Le voyage intérieur*. Paris: Albin Michel. p. 318-319.

ROUSSILLON, R. (2005). La conversation psychanalytique: un divan en latence. *Rev. Franç. Psychanal.*, v. 2, p. 365-382, 2005.

SCHUR, M. (1972). *La mort dans la vie de Freud*. Paris: Gallimard, 1975.

VERMOREL, H.; VERMOREL, M. (1993). *Sigmund Freud et Romain Rolland. Correspondance 1923-1936*. Paris: PUF.

Recebido em 26/11/2010

Aceito em 08/12/2010

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Suzana Deppermann Fortes**

**Gilbert Diatkine**

48 boulevard Beaumarchais, 75011

Paris, France

e-mail: Gilbert.Diatkine@wanadoo.fr

© Gilbert Diatkine

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA